

DA CLÍNICA DO CONTAR AO CONTAR A CLÍNICA

Sandra Djambolakdjian Torossian
José Damico
Organizadores



Sandra Djambolakdjian Torossian
José Damico
(Organizadores)

DA CLÍNICA DO CONTAR AO CONTAR A CLÍNICA



Santa Cruz do Sul
EDUNISC
2022

© *Copyright* : dos autores

1ª edição 2022

Direitos reservados: Universidade de Santa Cruz do Sul

Editoração: Clarice Agnes, Caroline Fagundes Pieczarka

Capa: Assessoria de Comunicação e Marketing da UNISC

D111 Da clínica do contar ao contar a clínica [recurso eletrônico] / Sandra Djambolakdjian Torossian, José Damico (organizadores). - 1. ed. - Santa Cruz do Sul : EDUNISC, 2022.

Dados eletrônicos. Inclui bibliografias.

Modo de acesso: World Wide Web: www.unisc.br/edunisc

ISBN: 978-65-88564-24-0

1. Saúde mental infantil. 2. Contação de histórias.
2. Narrativas. I. Torossian, Sandra Djambolakdjian.
II. Damico, José.

CDD: 618.9289

Bibliotecária: Muriel Thürmer - CRB 10/1558



Apresentação

*Erase Una Vez
Un lobito bueno
Al que maltrataban
Todos los corderos.*

*Y había también
Un príncipe malo,
Una bruja hermosa
Y un pirata honrado.*

*Todas estas cosas
Había una vez
Cuando yo soñaba
Un mundo al revés.*

(José Agustín Goytisolo)

Um mundo ao contrário (*un mundo al revés*), sonhado por Goytisolo foi musicado por Paco Ibañez como música de ninar. Um sonho que deveríamos cantar a todos os bebês, já no seu berço para que, mesmo inconscientemente, tenham condições de projetar outros mundos. Sonho que impulsionou os organizadores deste livro a juntarem suas mãos com as de usuários de saúde mental, trabalhadores de serviços e políticas públicas, junto às de alguns universitários para que esta publicação ganhasse vida. Uma compilação de textos que tramam uma rede de contares e contações na sustentação de uma ética do respeito, solidariedade e escuta, em contraposição às políticas do ódio, da crueldade e da prescrição autoritária.

Nosso caminho, diferentemente do de Alice, não se produz no país das maravilhas. São muitos os obstáculos, os entraves, os lobos e os abismos com os quais nossos personagens se enfrentam. Mas letra a letra, palavra a palavra, constroem outras possibilidades de olhar e de intervir. Tiram



vários coelhos da cartola, mas estes não saem por arte de mágica. São fruto de muito trabalho, reflexão e análise.

No tecido produtor deste livro alinhavam-se e costuram-se vários encontros. Além do encontro entre diferentes personagens, há diálogo entre diferentes estilos de escrita. Os textos acadêmicos são em boa parte das vezes antecedidos por uma escrita testemunhal de quem viveu e vive os efeitos da clínica e de sua aprendizagem no campo dos serviços públicos. Dividido em duas partes, este livro cria pontes entre experiências nas quais a contação de histórias é dispositivo de intervenção na clínica e os diferentes modos de contar a escuta.

Ana Sampaio Lemos e Moisés Gomes, uma residente e um usuário de um Centro de Atenção Psicossocial (CAPS) inauguram com seus testemunhos cada uma das partes deste livro. Belchior Puziol Amaral, fecha então esta coletânea com uma escrita testemunhal, em forma de apresentação em evento, provocando a pensar em novos paradigmas para a saúde coletiva. Mas antes de contar o fim da história sem viver felizes para sempre, acompanhemos o trajeto, muitas vezes sinuoso, de nossos autores.

Nossa história começa com uma casa que move ventos na busca de driblar o sofrimento produzido pela desigualdade social e racial. A Casa dos Cata Ventos é um projeto de extensão universitário, localizado numa vila (favela) na qual a convivência pelo brincar é o dispositivo de escuta. É nessa casa que Ana Sampaio, Marina Gregianin Rocha e Marina da Rocha Rodrigues fazem da contação de histórias e da literatura infantil uma ferramenta de trabalho clínico, compondo os dois primeiros capítulos deste livro. Atenção caro leitor, a falta de teto, de chão e de paredes desta casa não tem nada de engraçado, mas fala de uma realidade à qual milhares de crianças brasileiras estão submetidas. Assim, as autoras procuram insistentemente a rua dos bobos número zero como ponto de partida. Um número zero que afaste todas as ideias preconcebidas, julgamentos e possíveis



patologizações da pobreza. Que o zero da fome e a falta de acesso a um viver cidadão digno, possa se transformar em mil possibilidades de contar, imaginar, sonhar e projetar.

O trânsito por outra região da cidade, a Vila Chocolate, é o solo de intervenção de Sofia Safi, Luciane Susin e Marisa Batista Warpechowski que compõe o terceiro e o quarto capítulo. Um território a ser modificado, uma comunidade a ser removida. Mais uma vez são muitas as casas que ficam sem teto e sem paredes, deixando seus habitantes sem chão. Aqui novamente a contação de histórias se inscreve como possibilidade clínica de escuta e trabalho de elaboração da perda e do horror produzido pela remoção que junto às retroescavadeiras acabam com um passado e um presente da comunidade. O presente, no entanto, como destacam Luciane e Marisa, é um Chocolate bem amargo. As histórias, em parte, possibilitaram a construção de um futuro para as crianças e momentos de doçura nos quais foi possível produzir novos olhares sobre a infância e alguma intervenção nas relações comunitárias.

Caminhando do território da Assistência Social ao dos equipamentos de saúde Raquel Elisabete Finger Schneider, Ellis Cordeiro e Marta Orofino contam diferentes experiências. A primeira, com a realização de oficinas de contação de histórias com crianças asmáticas numa Unidade Básica de Saúde (UBS). Fadas, bruxas, Pinóquios e outras personagens inundam o espaço da UBS para servirem de superfície de inscrição às crianças e possibilitarem que elas expressem alguns dos conflitos associados à asma. Outras histórias, escolhidas pelas crianças, transformam-se em espaços intermediários que permitem a elas também sair do “sufocamento” na relação com seus cuidadores quando lhes possibilitam a fala.

Desenhando uma ponte entre a primeira e a segunda parte deste livro, Ellis e Marta, contam uma experiência de orientação na Residência em Saúde. Nos convidam a acompanhá-las na sua invenção de um modo de olhar,



analisar e narrar, mediada pela correspondência em cartas. Assim, afirmam elas, aquilo que poderia ser indizível se torna conto, fazendo da residente uma narradora e da orientadora uma leitora privilegiada.

Do mesmo modo que a dupla Ellis-Marta com seus contos-conversa são narradora e leitora privilegiadas, nós como leitores deste livro somos agraciados com o privilégio de ler Moisés, uma pessoa que habita o território de um CAPS na qualidade de usuário.

Moisés com seu relato testemunhal de passagem por vários serviços de Saúde Mental e sua ancoragem no CAPS inaugura a segunda parte deste livro, e nos contagia com sua aposta e esperança ao afirmar a possibilidade de viver com qualidade. Finaliza seu texto mostrando várias trilhas a continuar. Sem mágica mas com muita imaginação e trabalho psíquico, Moisés compartilha seu gosto pelos livros e bibliotecas e sugere várias direções possíveis para a continuidade da sua história. Transforma os caminhos de pedrinhas amarelas de Oz em mas sendas multicoloridas.

A escolha de ser ele quem inaugura a parte 2 é proposital e política. Assim como as crianças fecharam a oficina na UBS falando das suas potencialidades aos pais e aos médicos, consideramos ser urgente e necessário focar nossa escuta nas verdadeiras personagens da Saúde Mental: os usuários, deixando neste momento os trabalhadores como suporte e atores coadjuvantes.

O passo seguinte da clínica contada neste livro vem pelo texto de Cláudia Odiléia Müller, Analice Palombini, Mabilia Dotto, Daniela Schneider e Marília Silveira mas sobretudo pela pergunta que um bebê, ainda não falante, dirige às profissionais encarregadas de acolher ele e sua mãe. As dúvidas, acolhimentos, tensões e dificuldades são contadas passo a passo, sendo uma boa fonte de aprendizagem para quem se interessa pelo tema.



A vida de um bebê, perpassada pela violência doméstica, está no centro do processo de escuta aqui narrado, e na necessária articulação de uma rede de cuidados implicada. Se a clínica em rede se impõe como um grande desafio para o paradigma de cuidado no SUS, temos aqui um texto que pedrinha a pedrinha nos mostra como construir um caminho entre encantamentos, desencantamentos e olhares diversos.

Caminhos desviados quebram a narrativa hegemônica da branquitude e nos chegam através da troca de correspondência entre três mulheres negras que narram sua experiência no campo da saúde mental. Cartas materializadas em correio-memória pelas mãos de Daniela Ferrugem, Luciana Rodrigues e Marlete Andrize de Oliveira tecem uma narrativa da experiência de práticas em saúde mental pautada em uma política da memória que coloca um ponto final nas histórias únicas. Políticas narrativas que colocam em circulação as vozes erguidas destas mulheres que buscam romper o silêncio.

Desenhando ainda o solo das políticas públicas, Nilce Chrusciel e Samantha Torres olham para aquelas pedras que inibem o caminhar, aquelas que nos contos não dá para pular, não dá para remover, nem sequer podem ser transformadas, com a imaginação, num grande monstro a ser derrubado, de tão duras, de tão imóveis que se apresentam. São as pedras da precariedade na execução das políticas, produtoras de sofrimento para os trabalhadores. Especialmente aqueles que mergulham na escuta das violências. As cores, as possibilidades de quebrar esse bloco maciço e rígido vem da supervisão institucional como modo de humanização do trabalho. Sem Super-visões, nem mulheres maravilha apostam na abertura de um espaço dialógico no qual o trabalho e o sofrimento dele decorrente possam ser analisados. Além disso, e neste reino nada distante, coloca-se mais um tijolinho na construção da humanização, quando emergem possibilidades colaborativas e inventivas de ação no enfrentamento às diversas precarizações.



O acento na clínica, no dispositivo da supervisão clínico-institucional, é sublinhado neste livro por Thiago Silva, como na leitura das histórias infantis nas quais a gente lê o conto de um modo diferente a cada vez. Mudando uma palavra, um gesto, uma entonação, Thiago trabalha com o conceito de clínica. A cada contação, um passo de dança. A cada passo, um acréscimo, um detalhe para re trabalhar o conceito. O texto balança-se entre vários olhares sobre a clínica, traçando nesse movimento pendular uma concepção de supervisão sustentada no diálogo da psicanálise com o paradigma psicossocial.

Como no jogo de pular corda, trilhamos mais uma volta para tocar novamente nas políticas da infância e adolescência, com o texto de Mariana Tesch Koetz o qual coloca os jovens no centro da cena. Contando sua experiência na residência em Saúde Mental Coletiva, Mariana aponta para as diferenças no trabalho com os jovens em serviços de saúde, localizados mais próximos ao centro da cidade, e aqueles que se localizam próximo aos territórios onde os jovens habitam: os Centros da Juventude. A clínica surge aqui também como um dispositivo de escuta, sem a formalização de um espaço nomeado para tal, uma clínica andarilha que escuta os jovens onde eles caminham, dançam, correm, trabalham, namoram e ainda brincam.

Entramos pela porta e saímos pela janela, contando outra história mais bela, com a narrativa testemunhal de Belchior Puziol Amaral, ao nos falar de uma história-experiência sobre a política de Redução de Danos, que como tantas personagens dos contos, desaparece e aparece, muda de cenário e buscando crescer e ser grande, se apresenta como um paradigma para a saúde coletiva.

Boa leitura!

Sandra Djambolakdjian Torossian

José Damico

